

Caro TAF,

Só agora me foi possível enviar o esclarecimento pessoal prometido, que se deve sobretudo ao seu comentário “*não são contudo nada invulgares exemplos de erros sistemáticos que ocorrem ao longo de muito tempo,*”

Começo por apresentar, em contexto, um facto que complementa o “Porto Gravítico”:

As perdas de água no Porto baixaram para menos de metade em apenas 6 meses (Janeiro/Junho de 2007), com uma poupança de mais de 4 milhões de euros por ano num volume de vendas anual de cerca de 40 milhões de euros. Tal foi conseguido com medidas de gestão e praticamente sem investimentos que, aliás, não seriam exequíveis em meio ano.

	2006	Junho de 2007
Água Factura aos Consumidores	48 000 m3/dia	48 000 m3/dia
Água Comprada à AdDP	104 000 m3/dia	76 000 m3/dia
Perdas Reais	56 000 m3/dia	28 000 m3/dia (metade)

Entretanto as perdas têm continuado a baixar: actualmente, compra-se cerca de 70.000 m3/dia e vende-se 48.500 m3/dia, com uma poupança superior a 5 milhões de euros/ano relativamente a 2006, 2005, 2004, ...etc.

Quanto ao Projecto Porto Gravítico, o conceito é muito simples:

- A cota topográfica máxima da cidade é de cerca de 160 metros acima do nível do mar (zonas das Antas e Cooperativa dos Pedreiros)
- Quando vem da estação de Crestuma/Lever, a água tratada tem de passar pelo reservatório de Ramalde, à cota 180 m (segue pela Circunvalação para parte do Porto, Matosinhos, Maia, etc.)
- Assim, é, obviamente possível reequacionar o abastecimento por gravidade a partir desta cota 180m, eliminando as estações de bombagem existentes na cidade do Porto (Nova Sintra, Pasteleira, Santo Isidro, ...) com uma poupança de cerca de 1 milhão de euros/ano (para além de ganhos ambientais e poupança de energia).
- Evidentemente há dificuldades em alterar um sistema com mais de 100 anos, que foi crescendo ao longo do tempo (condutas velhas, deficiências de concepção e de construção, etc. que podem explicar mas não justificar o desperdício que de facto ocorreu), mas tal acabou por ser possível, em benefício dos Portuenses e do Ambiente.

Em conjunto com outras intervenções no domínio da redução de perdas, esta solução permitiu ainda evitar a construção de dois reservatórios adicionais (Covelo e Prelada), anteriormente previstos, que custariam 12 milhões de euros que foram assim poupados.

Em resumo, as poupanças anuais, já conseguidas, são superiores a 5 milhões de euros/ano, num orçamento de 40 milhões de euros/ano, o que permitiu fazer mais coisas (águas pluviais, ribeiras e praias), com as mesmas pessoas e sem aumentar as tarifas.

O valor das poupanças vai ainda aumentar significativamente, uma vez que estas e outras medidas estão a ser implementadas faseadamente, para não introduzir

perturbações no funcionamento do sistema de abastecimento e na vida da empresa e da cidade (muitas obras simultaneamente na via pública).

Estes resultados não seriam possíveis sem a decisão estratégica do presidente Rui Rio de criar a Águas do Porto e sem o empenhamento dos (quase todos) excelentes trabalhadores dos ex-SMAS, porque, praticamente, não entrou ninguém entretanto: o número de trabalhadores baixou de cerca de quase 600 para menos de 500, devido a aposentações.

Para os mais interessados em aspectos técnicos (concepção, modelação matemática da solução, etc.) os resultados obtidos estão publicados em revistas científicas e foram apresentados em vários congressos internacionais.

Com efeito, o Porto é, hoje, um caso de sucesso a nível mundial pela rapidez com que conseguiu reestruturar um sistema de abastecimento de água centenário, anteriormente muito pouco eficiente em termos de perdas e de utilização da energia (54% de perdas e bombagens evitáveis).

Sugestões de melhoria e críticas são sempre estimulantes e bem-vindas!

Cumprimentos,

Joaquim Poças Martins